

O PROFESSOR MUSICOTERAPEUTA OU O MUSICOTERAPEUTA PROFESSOR?: Reflexões sobre identidade profissional e o olhar do musicoterapeuta na sala de aula.

Sarah Fontenelle Catrib¹
Ana Paula de Medeiros Ribeiro²

Resumo

Este trabalho teve o objetivo de investigar as influências da formação musicoterápica na prática pedagógica de educadores musicais, bem como refletir sobre a identidade desses profissionais. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática com as publicações encontradas nas bases de dados do Google, do Google acadêmico, das revistas da União Brasileira de Associações de Musicoterapia (UBAM) e da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), bem como em livros, em dissertações e em teses. Foram usados os seguintes descritores: “professor musicoterapeuta” e “musicoterapia na escola”. Assim, a pesquisa buscou compreender como são descritas e classificadas nas publicações científicas as práticas de musicoterapeutas na área da educação.

Palavras-chave: Musicoterapia na escola. Professor musicoterapeuta. Identidade profissional.

Abstract: THE MUSIC-THERAPIST TEACHER OR THE TEACHER MUSIC-THERAPIST?
Reflecting on professional identity and the music-therapist’s perspective in the classroom.

The goal of this paper is to investigate the influence of music-therapy training on the pedagogical practice of music educators, as well as reflect on the identity of these professionals. Therefore, a bibliographic survey was conducted on the topic, utilizing publications found on the databases of Google, Google Scholar, and the academic journals of UBAM and ABEM, as well as books, dissertations and theses. The following descriptors were used: “music-therapist teacher”, “music-therapy and teaching” and “music-therapy at school”. Thus, the research sought to understand how are the practices of music-therapists in the field of education described and classified in scientific publications.

Keywords: Music-therapy at school. Music-therapist teacher. Professional identity.

1. Licenciada em Música pela Universidade Estadual do Ceará (UECE - 2017), pós-graduanda em Musicoterapia pela Faculdade Padre Dourado (FACPED) e mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
2. Professora adjunta do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação da UFC. Mestre e doutora em Educação Brasileira pela UFC.

Resumen: EL MAESTRO MUSICOTERAPEUTA O EL MUSICOTERAPEUTA MAESTRO?: Reflexiones acerca de la identidad profesional del musicoterapeuta en el salón de clases

Este trabajo ha tenido como objetivo analizar las influencias de la formación en musicoterapia en la práctica pedagógica de los educadores musicales, así como reflexionar sobre la identidad de estos profesionales. Con tal fin, se llevó a cabo un levantamiento bibliográfico sobre el tema con las publicaciones encontradas en las bases de datos de Google, Google académico, de las revistas de la UBAM y de la ABEM, así como en libros, disertaciones y tesis. Se utilizaron los siguientes descriptores: "profesor musicoterapeuta" y "musicoterapia en la escuela". Por lo tanto, la investigación buscó comprender cómo las prácticas de los musicoterapeutas en el campo de la educación se describen y clasifican en publicaciones científicas.

Palabras clave: musicoterapia en la escuela. Profesor musicoterapeuta. Identidad profesional.

1. INTRODUÇÃO

As dificuldades de se trabalhar com educação musical ultrapassam os desafios de estrutura do ambiente escolar e da compreensão e aceitação da música como conteúdo curricular, encontrando, em várias situações, barreiras na própria prática pedagógica, principalmente no que diz respeito ao trabalho relacionado à educação inclusiva.

Nesse contexto de inclusão, o professor de música ocupa um papel muito importante, tendo em vista que o seu objeto de conhecimento possibilita não só aprendizagens, mas também novas possibilidades de comunicação e expressão. No entanto, é vale ressaltar que a música também pode ser iatrogênica, ou seja, pode causar complicações e efeitos adversos. Dessa maneira, o trabalho com música, seja no âmbito do ensino-aprendizagem ou com viés terapêutico, exige muita responsabilidade.

Considerando essas peculiaridades e necessidades da prática em educação musical, muitos professores buscam por alternativas de trabalho por meio da formação em Musicoterapia. Apesar de se diferenciar da educação musical, já que possui objetivos terapêuticos e não pedagógicos, a musicoterapia tem se mostrado uma ferramenta

bastante eficaz no que diz respeito à inclusão escolar, à prevenção e ao desenvolvimento neurológico (PASSARINI et al., 2012; ALMEDA e CAMPOS, 2013; SANTOS e LOPARDO, 2018; SANTOS JUNIOR, 2018).

O percurso de formação retratado acima também foi feito pela autora deste artigo, sendo sua busca pela formação em Musicoterapia motivada pelas dificuldades de trabalho em sala de aula com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), hiperatividade, dentre outras condições. Na sua prática pedagógica constatou que esses alunos reagiam de forma muito particular à música e, na maioria das vezes, mesmo tendo consciência da importância e potencialidade das atividades musicais, sentiu dificuldade em conduzir essas experiências. Assim, a partir da necessidade de compreender todo esse processo e de ter ferramentas para auxiliar esses alunos em suas aprendizagens e no seu bem-estar, optou por adentrar à área e, posteriormente, desenvolver esse estudo sobre a influência da formação em musicoterapia para a prática pedagógica musical do professor, tendo em vista que o problema de pesquisa advém da realidade enfrentada pelo pesquisador.

O encontro entre a Educação Musical e a Musicoterapia é um campo emergente onde podem ser encontrados “[...] diversos relatos sobre os efeitos positivos da música por meio da Musicoterapia na melhoria da comunicação, do aprendizado, do comportamento e de diversos aspectos de vida das pessoas, sobretudo, em fase escolar.” (GIMENEZ et al., 2011, p. 156). É por essas razões que o perfil profissional do musicoterapeuta e professor de música vem sendo cada vez mais solicitado, uma vez que este possui, em tese, ferramentas para auxiliar os alunos no seu desenvolvimento global e não apenas intelectual.

Tendo esse cenário como referência, este trabalho buscou responder as seguintes questões: qual a influência da formação em musicoterapia na prática pedagógica do professor de música?; Como é classificada a ação musicoterápica na escola?; O que é o olhar terapêutico na sala de aula?.

É com base nessas questões que esta pesquisa teve o objetivo de refletir sobre qual influência a formação em musicoterapia tem na prática pedagógica do professor de música e na sua identidade profissional, além de discutir sobre o olhar musicoterapêutico na sala de aula. Para alcançar esses objetivos foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório (GIL, 2008), nas bases de dados Google, Google acadêmico e nas revistas da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e na Revista Brasileira de Musicoterapia.

Assim, a revisão bibliográfica que será apresentada a seguir foi dividida em três tópicos, sendo (I) A formação em musicoterapia e a identidade profissional do musicoterapeuta, (II) a musicoterapia na escola e (III) o olhar terapêutico do professor de música. Após essas discussões, será apresentada a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo, bem como as considerações finais e encaminhamentos para pesquisas futuras.

2. A FORMAÇÃO EM MUSICOTERAPIA E A IDENTIDADE PROFISSIONAL DO MUSICOTERAPEUTA

Para a World Federation of Music Therapy (1996),

A Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento.

Segundo a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), essa definição pode ser feita a partir de três eixos: o da disciplina, o da prática e o da profissão. Partindo dessa premissa, neste trabalho será utilizada a definição apresentada por Kenneth Bruscia (2016) que entende a musicoterapia como

[...] um processo reflexivo onde o terapeuta ajuda o cliente a otimizar sua saúde, usando variadas facetas da experiência musical e as relações formadas através desta como o ímpeto para a transformação. Como definido aqui, a musicoterapia é o componente de prática profissional da disciplina, que informa e é informado pela teoria e pela pesquisa. (BRUSCIA, 2016, p. 55).

Apesar da musicoterapia, como profissão, existir a apenas algumas décadas, segundo Barcellos (1992), a música já vem sendo utilizada como elemento terapêutico há mais de trinta mil anos. Ainda hoje em tribos e sociedades não tecnológicas a música segue sendo utilizada como cura, mesmo que essa prática não seja considerada musicoterapia.

No Brasil, a musicoterapia teve um aparecimento mais lento e tardio e até a atualidade é considerada uma ciência nova. Segundo Costa (2009),

Em 1968, foram fundadas as duas primeiras associações – a Associação Brasileira de Musicoterapia e a Associação Sul Brasileira de Musicoterapia, para agregar pessoas de diferentes áreas que trabalhavam

com música com objetivos terapêuticos. Mas a primeira referência à Musicoterapia data de 1955. Nesta ocasião a Dra. Nise da Silveira, um ícone da psiquiatria, uma precursora de ideias que levaram à reforma psiquiátrica, pediu a Liddy Mignone, outra precursora da área de Educação Musical, que indicasse alguém para trabalhar no setor de Terapia Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional. A indicada foi Ruth Loureiro Parames, admitida [...] como técnico de musicoterapia. [...] Posteriormente, Ruth foi contratada como professora de música, por não existir o cargo de musicoterapeuta no serviço público, nem em lugar nenhum. (2009, p. 1).

A partir dessa reconstrução histórica do percurso da musicoterapia no Brasil, Costa (2009) justifica a compreensão da área como ciência específica com base em três fatores que, segundo a autora, são necessários para a caracterização de uma ciência singular, sendo esses: “[...] um corpo de teorias que constituem seu saber, métodos e técnicas para sua prática, e profissionais capacitados para exercê-la.” (2009, p. 2). Cumprindo esses critérios, a musicoterapia pode ser reconhecida como um novo campo de conhecimento.

É perceptível que todas as definições apresentadas nesse tópico, bem como o contexto em que a musicoterapia se estabeleceu no Brasil, evidenciam a importância de um profissional qualificado para o exercício da função. Essa identidade profissional do musicoterapeuta é construída a partir de um reconhecimento social de seu papel (GODOY, 2015). Assim, ao fazer uma ampla pesquisa sobre a identidade do musicoterapeuta, Godoy (2014, p. 11) afirma que esse “[...] não é nem médico, nem músico, nem psicólogo, ele é um profissional diferente com saber de uma ciência terapêutica singular.”. Para Bruscia (2016, p.34),

[...] na prática, musicoterapeutas podem trabalhar em escolas buscando metas educacionais ou de desenvolvimento, ou então em hospitais buscando metas relacionadas à saúde, e podem trabalhar em serviços de saúde mental com objetivos psicoterapêuticos ou em comunidades com objetivos psicossociais.

Essas particularidades e especificidades da profissão fizeram com que a formação ocorresse por meio de cursos de graduação e pós-graduação *latu sensu*, os quais proporcionam aos estudantes conhecimento interdisciplinares que incluem disciplinas do campo da fisiologia, psicologia, música

e neurociências. Essa variedade de disciplinas contribui para a formação em musicoterapia, ciência muitas vezes desvalorizada na área da saúde e que ainda luta por um reconhecimento profissional.

Segundo Godoy (2014, p. 17), “[...] a identidade é constituída histórica e socialmente, ela se torna um processo de movimento constante e contínuo.”. Portanto, pode-se afirmar que a identidade profissional do musicoterapeuta ainda se encontra em um processo de construção, que deve considerar a amplitude de ambientes em que o mesmo pode estar inserido.

3. A MUSICOTERAPIA NA ESCOLA

Em se tratando especificamente do ambiente escolar, Silva (2011, p. 119) afirma que “[...] além de um local de ensino, a escola é também um local de agência de saúde, que busca um atendimento integral do homem, no seu desenvolvimento físico, intelectual, emocional e espiritual.”. É nessa perspectiva que podemos falar de uma possibilidade de integração entre a educação musical e a musicoterapia, bem como do olhar terapêutico do professor de música.

A nomenclatura utilizada para se referir ao uso da musicoterapia no contexto escolar ainda é bastante discutida, sendo classificada dentro da musicoterapia institucional (BENEZON, 1988) e da musicoterapia preventiva (PASSARINI et al., 2012). Por vezes, estudos que tratam sobre esse tema se referem à prática apenas como “musicoterapia na educação” (FERREIRA, 2011). Segundo a classificação de Benezon (1988), há ainda uma musicoterapia didática que se refere à formação de musicoterapeutas, e não ao uso de atividades musicoterápicas em ambiente escolar ou de aprendizagem.

Diferentemente de outras classificações que incluem a musicoterapia na escola, a educação musical terapêutica é um conceito proposto por Silva Júnior (2016) que busca evidenciar os benefícios psicológicos do ensino de música. Segundo o autor, a educação musical tem o objetivo de ensinar música,

mas essa prática “[...] pode ultrapassar seu objetivo primário, alcançando benefícios psicológicos, seja através de pequenos aumentos de curta duração nas habilidades cognitivas não-musicais, seja nos efeitos psicológicos e sociais ligados à emoção e identidade” (ibidem, p. 3). Assim,

A partir da compreensão que o objetivo primário da educação musical é ensinar música e o objetivo secundário pode ser alcançar benefícios psicológicos ou efeitos terapêuticos, podemos nomear essa intervenção educacional de educação musical terapêutica, na qual o educador musical busca, através do ensino de música, alcançar benefícios que vão além do aprendizado dos conteúdos musicais. Denominamos, assim, educação musical terapêutica o alcance de benefícios psicológicos como objetivo secundário da educação musical durante ou após um processo de ensino e aprendizagem musical feito por um educador musical (Ibid.).

É possível observar que esse conceito, mesmo aproximando as áreas de musicoterapia e educação musical ao reconhecer o potencial terapêutico do ensino de música, distancia o musicoterapeuta do espaço escolar, considerando o professor de música, mesmo sem formação em musicoterapia, encarregado de alcançar outros benefícios, além do aprendizado musical.

Essa nomenclatura (Educação Musical Terapêutica) também é utilizada por Passarini (2012), apesar de a autora vincular a ação musicoterápica na escola à musicoterapia preventiva. Na sua perspectiva a educação musical terapêutica é um termo utilizado para

[...] designar o trabalho onde aprendizado musical e processo terapêutico caminham juntos, no mesmo nível de importância considerando que o desenvolvimento humano integral é o objetivo primário; onde técnicas de educação musical e da musicoterapia se complementam; onde relação terapeuta-paciente equipara-se à relação professor-aluno considerando que o sujeito aprende sentindo e sente aprendendo, ou seja, o aprendizado é norteado pelo afeto e vice-versa; onde cada sujeito é considerado em sua singularidade, independentemente de ter ou não algum tipo de deficiência. (PASSARINI et al., 2012, p. 4).

Há nessa definição a inclusão de um processo terapêutico vinculado ao aprendizado musical, levando a compreensão de que o profissional adequado para essa função seria aquele que possui

as duas formações, ou seja, o professor-terapeuta. Partindo de uma perspectiva focada nas dificuldades de aprendizagem, Ferreira (2011) compreende a musicoterapia como uma ferramenta eficaz na escola. Isso pode ser verificado a partir do relato de sua experiência musicoterápica desenvolvida com alunos com baixo rendimento escolar, que teve como objetivo ajudar esses na assimilação dos conteúdos escolares, também de melhorar a convivência com colegas e de lidar melhor com os problemas advindos das dificuldades de aprendizagem. Assim, o atendimento de musicoterapia ocorreu individualmente com três alunos da escola e tinha duração de 50 minutos. Nessas sessões foram utilizadas as técnicas musicoterápicas de recriação e improvisação, visando atender as dificuldades de cada criança.

Corroborando com os objetivos apontados por Ferreira (2011), Cunha e Volpi (2008, p. 88) afirmam que, “o musicoterapeuta que atua no ambiente educacional poderá ter por objetivo estimular o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras, sociais e emotivas dos alunos, ampliando suas possibilidades de aprendizado.”. Nesses contextos, no entanto, a atuação do musicoterapeuta ocorre em momento separado da aula de música, sendo, muitas vezes, diferentes profissionais.

Apesar da realidade de poucas produções científicas na área, a relação da musicoterapia com o ambiente educacional é muito antiga, tendo registros dessa atividade anos antes da criação do primeiro curso de musicoterapia no Brasil, conforme relata Bergamini (2010, p. 15, apud GODOY, 2014, p.9) que “no Rio de Janeiro, na década de 50, já havia registros de trabalhos com música em escolas regulares e de educação especial, que foram se desenvolvendo e, mais tarde, ganharam o nome de musicoterapia.”. Essa relação só é possível, pois, segundo Silva (2011), a musicoterapia e a educação musical compartilham o objetivo final que é a transformação. Para além das relações fundamentadas nos objetivos e nos resultados, Almeda e Campos (2013) destacam que

[...] os meios utilizados pelas duas áreas para atingir seu objetivo demonstram que há uma relação recíproca entre as áreas. O educador se utiliza de elementos da

musicoterapia para auxiliar no processo de aprendizagem e o musicoterapeuta se utiliza de elementos da educação musical como coadjuvante no processo terapêutico. (p. 51).

Assim, é comum falar em olhar terapêutico do professor de música quando um mesmo profissional possui as duas formações. Essa dupla função, no entanto, deve ser muito bem fundamentada, pois, como exposto anteriormente, não há um consenso sobre a prática de musicoterapia no contexto educacional. Para compreender melhor a atuação desse tipo de profissional, o próximo tópico tratará sobre o olhar terapêutico do professor de música.

4. O OLHAR TERAPÊUTICO DO PROFESSOR DE MÚSICA

Uma das questões que chamam atenção no que se refere ao estudo da musicoterapia no contexto educacional é a menção ao olhar terapêutico do professor de música. Essa percepção diferenciada proporcionada pelos conhecimentos musicoterápicos geralmente ocorre quando o musicoterapeuta é também professor, ou quando o mesmo está presente durante os momentos de aprendizagem. Neste contexto, o foco dado aqui é no olhar terapêutico do professor de música que também é musicoterapeuta.

Ao caracterizarem o que chamam de educador-terapeuta, Almeida e Campos (2013, p. 46) afirmam que esse profissional “[...] necessita de capacitação para lidar com as diversidades e trabalhar o aprendizado musical como possibilidade de cuidado e desenvolvimento humano.”. Assim, o olhar terapêutico tem a função de promover saúde de maneira preventiva, a partir do acolhimento e do atendimento as necessidades específicas.

Nesta perspectiva, a importância desse olhar terapêutico se dá a partir da compreensão de que a música, além de organizar e disciplinar os alunos, pode abrir canais de comunicação. As autoras fundamentam essa ideia com base na percepção de que

[...] uma das funções da música e da musicoterapia é abrir canais de comunicação para que haja uma expressão

corpóreo-sonoro-musical integrada entre terapeuta e paciente, assim como entre educador/terapeuta e aluno/paciente e vice-versa. (BENEZON, 2011, p. 38 apud ALMEDA E CAMPOS, 2013, p. 48).

Para o alcance desses canais de comunicação, o educador-terapeuta deve inicialmente observar e interagir com o aluno a partir do repertório musical trazido por ele. Assim, essa educação musical com olhar terapêutico se utiliza de etapas e conceitos típicos da musicoterapia, a saber, o conceito de identidade sonora (ISO) e as etapas de testificação musical. Segundo Benezon (1988), ISO significa igual e é apresentado como um conceito dinâmico que busca resumir todos os sons, conjuntos de sons ou fenômenos sonoros internos que nos caracterizam. Essas informações podem ser colhidas a partir de observações ou por meio de entrevistas realizada com os pacientes ou seus familiares na avaliação diagnóstica. É também nesse primeiro momento que se realiza a testificação musical, que nada mais é do que o momento em que o professor/terapeuta disponibiliza vários instrumentos musicais para o aluno em busca de conhecer os seus interesses sonoros.

Dessa forma, a partir da identidade sonora do aluno é construído um planejamento, cuja primeira fase é realizada por meio da testificação musical, que permite ao profissional “[...] desenhar um perfil mais próximo de sua identidade sonora, permitindo uma abordagem preventiva ou auxiliar no que tange aos aspectos relacionados a saúde do aluno” (ALMEDA e CAMPOS, 2013, p. 50).

Com base em todos esses processos da musicoterapia, a intervenção do musicoterapeuta professor na sala de aula possibilita ações docentes que, além de terem como objetivo a aprendizagem musical, se preocupam com questões relacionadas às demandas do grupo, bem como ao bem-estar dos alunos.

5. METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado para o desenvolvimento desse estudo é de abordagem qualitativa e de nível exploratório. Segundo Gil (2008,

p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Com base nessa classificação, o presente estudo buscou compreender a influência da formação musicoterápica na prática de educação musical e o olhar do musicoterapeuta na sala de aula para, posteriormente, realizar uma pesquisa de campo com esses profissionais e entender mais sobre a sua realidade na prática.

De forma mais específica, essa pesquisa é delineada como uma pesquisa bibliográfica, já que utilizou como fonte dados secundários, ou seja, aqueles já elaborados e analisados anteriormente. O material bibliográfico utilizado no âmbito desse estudo foi de origem de livros e revistas científicas, bem como de artigos publicados em congressos da área de educação musical e musicoterapia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões elencadas no início desse estudo, foi possível compreender, por meio do levante bibliográfico apresentado, as relações estabelecidas entre a educação musical e a musicoterapia, principalmente, no que se refere às influências da formação musicoterápica na prática pedagógica, à classificação dessas práticas e ao olhar terapêutico do professor de música.

Apesar de muito se falar sobre as contribuições trazidas pelo profissional musicoterapeuta na sala de aula de educação musical, ainda não existe uma teorização sobre a prática no ambiente escolar, assim como também não há uma nomenclatura específica para defini-la, o que gera uma variedade de experiências, que podem ter como foco os alunos com necessidades especiais, dificuldades de aprendizagem ou outras condições. Mesmo com essa realidade, é perceptível que a formação em musicoterapia influencia diretamente na forma como o professor lida com essas demandas, à medida que esse, por meio do seu olhar terapêutico, pode atender os alunos de acordo com suas

necessidades, sempre respeitando seus limites e possibilidades.

Esse estudo bibliográfico foi o primeiro passo de um projeto maior que visa à investigação da prática musicoterápica de professores de música nas escolas de Fortaleza. A idéia é que, amparado pela revisão bibliografia realizada neste artigo, o estudo de campo se proponha a conhecer a identidade individual e coletiva (papel) desse profissional que é professor de música, mas que por ser também musicoterapeuta, utiliza o seu olhar musicoterápico em sala de aula com fins de prevenção e estimulação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniele; CAMPOS, Ana Maria. Educador-terapeuta – os benefícios do olhar do especialista em musicoterapia na educação musical. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano XV, n. 15, 2013.

AMEAL, Liliam Cafiero. Arte, ciência e inclusão: a música e a musicoterapia em um fórum multidisciplinar de discussão e compartilhamento de experiências. **Interlúdio**, ano IV, n. 6, 2016.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Diálogos entre as novas práticas de musicoterapia e os cursos de formação de musicoterapeutas. In: DREHER, Sofia Cristina et al. (Org.). **A clínica na musicoterapia: avanços e perspectivas**. São Leopoldo: EST, 2014.

BENEZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal**. Trad. Ana Sheila M. de Uricoechea. 3 ed. São Paulo: Summus, 1988.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo a musicoterapia**. Trad. Marcus Leopoldino. Barcelona Publishers, 2016.

CUNHA, Rosemyriam; DIAS, Magali. A música e a musicoterapia na escola: sons e melodias que permeiam o processo de inclusão em uma escola de ensino fundamental na cidade de Curitiba. **Revista Brasileira de musicoterapia**. Ano XII, n. 2, 2010.

CUNHA, Rosemyrian; VOLPI, Sheila. **A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação**. R. Cient. v.3, p.85-97; Jan./dez., 2008.

COSTA, Clarice Moura. A especificidade da musicoterapia e a identidade do musicoterapeuta. In: **XI Fórum Paraense de Musicoterapia**, 2009.

_____. **O saber da musicoterapia e o musicoterapeuta**. Biblioteca brasileira de musicoterapia, 2008.

FERREIRA, Eliete Quixaba. **A musicoterapia na educação: dificuldade de aprendizagem**. Imperatriz, MA: Ética, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENEZ, Marli. *et al.*. Musicoterapia e a educação inclusiva. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIII, n. 11, 2011.

GODOY, Diego Azevedo. Musicoterapia, profissão e reconhecimento: uma questão de identidade no contexto social brasileiro. **Revista Brasileira de musicoterapia**. Nº 16, 2014.

_____. **Além do musicoterapeuta**: um estudo sobre identidade do musicoterapeuta e seu reconhecimento, fundamentado no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade de São Paulo, PUC-SP, 2015.

NASCIMENTO, Sandra Rocha do. **A musicoterapia no contexto escolar**: uma “escuta diferenciada”. Monografia (especialização em musicoterapia na saúde mental). Universidade Federal de Goiás, 1999.

PASSARINI, Luisiana, et al. **A educação musical no desenvolvimento da criança**: trilhas da musicoterapia preventiva. In: Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, 2012.

ROMÃO, Suzanne. **Os diferentes caminhos da música – um olhar sobre a musicoterapia**. In: Encontro Nacional de Ensino Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 2015.

SANTOS JUNIOR, Paulo Jonas dos. *et al.* Os efeitos benéficos da musicoterapia no contexto educacional. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 4, n. 6. 2018.

SILVA, Laryane Carvalho Lourenço da. A musicoterapia num contexto educacional: perspectivas de atuação. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIII, n. 11, 2011.

SILVA JUNIOR, José Davison da. **Educação Musical terapêutica**: um novo conceito em educação musical?. In: I Seminário Regional de Psicologia da Música. Feira de Santana, BA, 2016.

_____. Música, saúde e bem-estar: aulas de música e habilidades cognitivas não-musicais. **Revista da ABEM**, v. 27, n. 42, p. 36-51, 2019.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. **Definição Brasileira de Musicoterapia**. 2018. Disponível HYPERLINK "<http://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/>" \n